

ALEXANDRE DA MACEDÔNIA: UM PARADIGMA DE EXCELÊNCIA

doi: 10.4025/imagenseduc.v2i3.18716

Maria de Fátima Silva*

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – FL/UC. fanp@fl.uc.pt.**Resumo**

Dentro das fontes antigas relativas a Alexandre, a *Vida de Alexandre* de Plutarco adapta dados da tradição de acordo com o modelo biográfico. Os tópicos da ‘origem, carácter e educação’ ajudam a criar o modelo de um paradigma: o do conquistador e ‘rei filósofo’.

Abstract. Alexander of Macedonia: a paradigm of excellence. Among the ancient sources on Alexander, Plutarch’s *Life of Alexander* adapts traditional elements to biography. ‘Origin, character and education’ are conditions to the design of a paradigm: the future conqueror and the ‘King-Philosopher’.

Fontes para a vida de Alexandre

São numerosas as fontes que Plutarco, na *Vida* que dedicou ao rei macedônio, tinha disponíveis. Muitos dos historiadores da vida e campanhas de Alexandre foram também seus companheiros e testemunhas dos acontecimentos; o que não significa que as versões que produziram sejam uniformes, consensuais, igualmente credíveis ou obedeçam a um mesmo grau de rigor. A elas vieram somar-se outros depoimentos, em gêneros diversos, que ao longo do tempo foram enveredando por leituras mais fantasiosas e criando discrepâncias sempre difíceis de avaliar.

Fora do círculo próximo de Alexandre, o próprio Plutarco, além da *Vida*, dedicou ao rei macedônio um tratado dos *Moralia* (327f-328a), *Sobre o destino e a excelência de Alexandre*. A cotejar com a versão de Plutarco são ainda as de Diodoro Sículo (séc. I a. C.), que se ocupou de Alexandre no Livro XVII da sua *Biblioteca Histórica*; Quinto Cúrcio Rufo (séc. I d. C.), autor de uma *História de Alexandre Magno* em dez livros, de que perdemos os dois primeiros; Justino (séc. II/III d. C.), transmissor das *Histórias de Filipe* de Pompeu Trogo; e, por fim, Arriano (séc. I d. C.), autor da *Anábase de Alexandre*, em sete livros, que é uma referência particularmente significativa.

A figura de Alexandre na *Vida* de Plutarco

Atento à necessidade de distinguir historiografia e gênero biográfico, Plutarco toma como princípio nesta *Vida* o cumprimento das regras que estruturaram este último modelo; e

exatamente desse padrão daremos relevo a alguns aspectos que lhe são indissociáveis, nomeadamente origem, caráter e educação do biografado.

Linhagem e nascimento de Alexandre

Na moldura que enquadra a *Vida de Alexandre*, é valorizado em primeiro lugar o ascendente mítico que, num homem predestinado para uma carreira militar de excelência e para a fundação de um império, não poderiam ser outros que não Hércules e Aquiles (2. 1). Em conformidade com o destino privilegiado que se lhe abria diante, o nascimento do futuro rei da Macedônia rodeou-se de maravilhoso; sonhos premonitórios e sinais do além (2. 3-4) sublinharam a natureza e a missão superiores do filho de Filipe e Olímpia. A efígie de um leão (2. 4-5), com que o pai anteviu a vinda de um herdeiro, não só convinha à expressão da chegada a este mundo de um homem poderoso, como antevia nele o vigor e a fúria próprios do ‘rei da selva’ (13. 2). Plutarco virá a transformar em realidade o que não passava de um presságio; era já Alexandre ‘o conquistador da Ásia’ quando, para manter a vitalidade – isto é, para preservar a sua *physis* superior perante a ameaça corruptora do luxo bárbaro –, travou, numa caçada, um combate com um leão enorme; de uma testemunha que presenciou a luta escapou o comentário (40. 4): ‘Bela luta, Alexandre, a que travaste com esse leão para decidir quem é o rei’. O simbolismo deste episódio, uma espécie de consagração de Alexandre, ganha foros de eternidade quando

tem registo em Delfos, numa representação em bronze dedicada a Apolo (40. 5).

Se esta imagem do ‘Alexandre em luta com um leão’ remete para um dos seus ascendentes, Hércules¹, Aquiles foi também uma marca genética que o acompanhou ao longo da vida. Os seus primeiros passos na Ásia, no início de um percurso que o conduziria à consagração, colocaram-no junto ao túmulo do Pelida, em Ílion (15. 7-9). Esta visita tomou o sentido de uma romagem feita à memória de um paradigma venerado. Nos jogos e sacrifícios que lá realizou, Alexandre como que encarnou o papel de Aquiles nas homenagens prestadas ao seu mais dileto companheiro, Pátroclo. Ao vigor que, de certa forma, partilhava com Hércules, o herói da Ftia associava um sentido cultural e artístico; à excelência do guerreiro, juntou a mestria do tocador de lira, a que Alexandre procurou também associar-se como garantia da perenidade da glória².

O mesmo ascendente suscitou controvérsia em relação à paternidade de Alexandre. No seu relacionamento com Olímpia, Filipe teria detectado – conta a tradição – a concorrência de

um ser superior que lhe ocupou o lugar no leito conjugal (2. 6). Uma marca física – a perda que Filipe sofreu de um olho em combate – foi tomada como estigma do castigo divino contra um mortal que, impiedosamente, espiou o encontro de um deus com Olímpia; e a própria mãe, a corroborar este processo, encontrou nele argumento para incentivar o jovem Alexandre a estar à altura do seu nascimento (3. 2-3). Numa sequência coerente, o dia do nascimento desta criança predestinada foi assinalado por um prodígio, o incêndio do templo de Ártemis em Éfeso (3. 5-7), como se os deuses encontrassem nesse recurso uma forma de testemunhar a sua presença ou atenção; e os homens não deixaram de registar a mensagem e de antecipar-lhe as consequências. Este era o primeiro dia de uma nova era para o mundo tal como então se conhecia.

Evidente na altura da concepção de Alexandre, a questão da paternidade regressa, na fase em que a trajetória de vida do conquistador se aproximava do seu clímax. Foi desta vez Âmon, no seu oráculo líbio, que atestou a origem divina do filho de Olímpia (27. 5, 9-11); por um simples *lapsus linguae*, o profeta do santuário, à saudação amigável de *paidion*, ‘meu filho’, substituiu *paidios*, ‘filho de Zeus’; sob forma de um erro involuntário, a verdade parecia impor-se pela boca do porta-voz divino. Real ou simplesmente especulativa, esta tradição, ao que diz Plutarco, converteu-se, nas mãos de Alexandre, numa ferramenta política, que usava com perícia; diante dos bárbaros, acostumados a venerarem o seu soberano como um deus, acentuava-a; perante os Gregos, racionais e democratas no entendimento da autoridade política, omitia-a. Este talvez tenha sido o primeiro sinal que Alexandre deu de sensibilidade perante as diferenças culturais. Embora, desta manipulação da lenda que o envolvia, Plutarco conclua (28. 6) que o rei macedônio ‘não estava muito marcado nem afetado pela sua origem divina; valia-se dela, isso sim, para se impor aos outros’, uma espécie de superstição pareceu invadir a alma de Alexandre a este propósito; na hora extrema do combate em Gaugamelos, o apelo que dirige aos deuses sublinha um teste, ‘se de facto descendia de Zeus’ (33. 1), fazendo dessa tradição um amuleto.

Por fim, na vida de Alexandre, Dioniso parece ter tido, na versão de Plutarco, o papel de um *daimon*, presente mas traiçoeiro. O consumo

¹ Uma outra intervenção simbólica aproxima Alexandre do herói da força na narrativa de Plutarco; em sonhos, numa altura em que o cerco a Tiro se prolongava já por sete meses, Hércules apareceu ao conquistador, ‘do alto das muralhas, a estender-lhe a mão e a chamá-lo’ (24. 5), na atitude atenta e estimulante de uma entidade tutelar. Por fim, igualmente significativo é que, entre os sinais que anunciaram a morte iminente do conquistador, estivesse esta evidência incontornável (73. 6): ‘Um dos leões, o maior e mais pujante da sua criação, foi atacado por um mulo e escoicinhado até à morte’.

² No seu artigo ‘Tragedy and epic in Plutarch’s *Alexander*’, *JHS* 108, 1988, 83-95, J. M. Mossman assinala ainda alguns episódios na saga de Alexandre que podem encontrar no Aquiles homérico uma referência; assim a abordagem de Alexandre, retirado no combate e refugiado na tenda (52), pelos companheiros, que tentam demovê-lo de um afastamento depressivo, lembra naturalmente a embaixada a Aquiles no Canto IX da *Iliada*; igualmente épica é a descrição das armas de Alexandre, antes do combate decisivo em Gaugamelos (32. 8-12), com sucessivas réplicas na *Iliada*, mas com brilho particular na descrição do famoso escudo de Aquiles, do Canto XVIII; do mesmo modo que a batalha contra os Malos representa uma espécie de *aristeia* épica (63. 2-10); ou que a dor experimentada pela morte de Heféstion, um companheiro dileto, e os sacrifícios feitos em sua homenagem (72. 2-5) lembram os que Aquiles dedicou a Pátroclo (*Il.* 23. 175 sq.). A mesma autora, ‘Plutarch, Pyrrhus and Alexander’, in Ph. Stadter (ed.), *Plutarch and the historical tradition*, London and New York, 1992, 109, acrescenta que as características em comum com Aquiles constituem o lado positivo de Alexandre, enquanto o lado trágico – diríamos nós, dionisiaco – representa a sua face negativa.

exagerado de vinho sem mistura, que fazia parte dos hábitos macedônios, ganhou, também ele, um estatuto transcendente. Plutarco concilia este lado ‘mítico’ da interferência de Dioniso na vida de Alexandre com uma tendência natural, ou mesmo cultural, do consumo do vinho. Reconhece a verdade dessa tradição, mas procura reduzir-lhe a importância à de um simples passatempo em momentos de ócio (23. 1-2), com um forte pendor social, pelas longas conversas a que dava motivo. Sem deixar, no entanto, de reconhecer que o excesso no consumo do álcool transformava um verdadeiro príncipe num militar viciado em grosserias de caserna (23. 7). Também o vinho, à partida um hábito sem maior relevo, potenciava, em Alexandre, atitudes de excesso, com consequências no futuro. Sobre a presença de Dioniso como um *kakodaimon*, que acompanha Alexandre até ao seu momento derradeiro, dão conta alguns episódios cruciais na narrativa de Plutarco.

O primeiro desses momentos ocorre no banquete que celebrava o casamento de Filipe com uma jovem esposa, Cleópatra, que trouxe ao de cima o problema da sucessão. Um brinde imprudente de Átalo, tio da noiva, para que esta nova união fosse abençoada com um filho e herdeiro do trono, estabeleceu entre o pai e o filho de Olímpia uma fratura abrupta (9. 6-11). Plutarco introduz este episódio a seguir à referência a que Alexandre tinha sido regente da Macedônia na ausência de Filipe, o que parecia fazer dele, de resto com provas já dadas das suas qualidades excepcionais, o sucessor natural de Filipe³. Embriagado, o pai confrontou Alexandre, irritado com Átalo, com a espada desembainhada; e a ameaça só ficou frustrada porque o mesmo vinho fez tombar o agressor. Mas a ruptura de Filipe com o seu sucessor estava consumada. Sublinha muito a propósito J. Beneker (2009, p. 194) que este momento marca também uma viragem relevante no desenvolvimento da personalidade de Alexandre; até então retratado como sobretudo precoce, sensato, racional e pronto para governar, o jovem deixa aqui entrever o seu lado negativo – o da cólera – na altura precisa em que se discute a sucessão.

³ E. D. Carney, ‘The politics of polygamy: Olympias, Alexander and the murder of Philip’, *Historia* 41, 1992, 169-189, aborda a questão relevante da insegurança da sucessão numa corte poligâmica como a da Macedônia.

Na campanha que Alexandre primeiro empreendeu contra a Grécia, o ataque a Tebas teve particular significado; serviu de certa forma de exemplo aos restantes Gregos e desenrolou-se com uma violência também paradigmática. O próprio Alexandre teve a noção (13. 3-4) da repercussão que este tratamento da cidade natal de Dioniso teve posteriormente: ‘O assassinato de Clito, que Alexandre cometeu sob o efeito do vinho, e a recusa cobarde dos Macedônios sob seu comando em o seguir no ataque aos Indus, (...) atribuiu-os à cólera e à vingança de Dioniso’.

Cumprida já uma marcha ascendente até à consumação de um primeiro objetivo militar – a vingança sobre os Persas da anterior invasão que infligiram à Grécia –, seguiu-se, na vida do conquistador, um movimento de decadência, que teve como primeiros sintomas as divergências progressivamente mais graves entre o rei e os companheiros mais próximos. É neste momento que ocorre o homicídio de Clito, um companheiro próximo a quem Alexandre, aliás, devia a vida. Plutarco deixa bem claro (50. 2) que, nesta tremenda ocorrência, não houve propósito deliberado por parte de Alexandre; como se uma mão divina dispusesse dos acontecimentos, foi a fúria provocada pela embriaguez do rei, associada à má sorte de Clito, o que justificou o crime. As precauções tomadas – pelos subordinados e amigos – só vêm acentuar a inevitabilidade do desfecho; o pior acontece, apesar de todos os esforços humanos para o evitar. O próprio desafio de Clito à fúria do rei, com uma citação trágica, torna patente o poder do destino. A autoflagelação que Alexandre se aplicou, arrependido do seu excesso, é reveladora do sentido deste golpe; ao vitimar um companheiro, agastado com a simpatia insultuosa que o rei parecia dedicar agora ao inimigo, o soberano revelava quebra de tato político, incapacidade de consolidar um verdadeiro império pela harmonia intercultural, por efeito de uma cólera que Dioniso nele insuflava. Vários estudiosos⁴ reconheceram a simetria que este episódio apresenta com o que confrontou Alexandre com o pai, na boda; não só Alexandre atua contra o amigo como antes Filipe contra ele próprio, como deixa perceber uma outra personalidade, onde as suas tendências menos positivas se vão impondo. Para que a aproximação entre as duas cenas seja mais evidente, Plutarco faz intervir em ambas a

⁴ Beneker (2009, p. 198-200); Mossman (1988, p. 88).

figura ponderada de Demarato de Corinto (9. 12-14, 56. 1); este, que antes sublinhara a vantagem de Alexandre sobre dois soberanos, Filipe e Dario, deixa agora, na altura de abandonar este mundo, a ideia de que já pode morrer porque viu Alexandre cumprir a trajetória anunciada, antes de ver chegado, também ele, o fim da vida.

O vinho serve ainda para desmontar a imagem organizada e eficaz do exército de Alexandre, responsável por tantos sucessos. Na travessia da Carmânia (67), escudos, elmos e lanças são substituídos por taças, copos e vasos; neste cortejo, onde ao vinho abundante se juntaram os brados orgiásticos e os gracejos obscenos, não deixou de se perceber a profunda semelhança com o *komos* dionisíaco (67. 6): ‘A acompanhar este cortejo, desorganizado e disperso, sucediam-se as piadas atrevidas, como se o próprio deus estivesse presente e conduzisse a festa’. Não é a historicidade o que conta nesta marcha, mas um claro simbolismo de decadência.

Mais do que destruidor da disciplina e do sucesso que ela garante, o vinho tornou-se também assassino. Quando, como programa de relaxe, Alexandre organizou na Pérsia um concurso de bebida, promoveu, através dos excessos cometidos, a morte inglória de dezenas de combatentes (70. 1-2). Depois de dizimar o exército e a sua *arete*, Dioniso concentrou-se na sua última vítima, o próprio rei. Porque foi depois de uma noite de orgia que sobreveio uma febre que, em poucos dias, iria render à lei da vida o Alexandre que a história consagrou como Magno (75. 4-6).

Hereditariedade e caráter

‘Alexandre era de compleição quente, o que fazia dele um grande bebedor e um espírito colérico (4. 7)’. É pois sobre a harmonia psicossomática – *physis* e *ethos* em sintonia – que Plutarco estabelece os alicerces da personalidade do rei. A esta matéria prima associava-se, paradoxalmente e em equilíbrio instável, um ‘autocontrole’ e uma moderação (4. 8), capazes de contrabalançar o que de ‘impetuoso e arrebatado’ havia no seu caráter. Todo este potencial foi posto por Alexandre ao serviço de um objetivo, ‘o desejo de glória’, que ‘estimulava nele uma determinação e um bom senso excepcionais’. Estas são características que se mantêm permanentes e decidem, para o bem e para o mal, a trajetória do rei macedônio.

O *thymos* que o caracterizava tornou-se fonte de enormes façanhas, mas potenciou também rasgos de violência, sobretudo sob o efeito do vinho (Hércules e Dioniso combinados para proporcionar o desastre), ganhando terreno ao seu lado ‘sensato’; o tempo veio a revelar, no efeito destes pressupostos contraditórios, uma progressiva degradação; situações paralelas são reveladoras do modo positivo e negativo como eles intervieram na construção de um processo de vitória, mas foram também responsáveis pela queda que inevitavelmente se lhe seguiu.

O caráter excepcional de Alexandre não é, na fase inicial, avaliado – de acordo com a convenção das *Vidas* – por contraste com os companheiros da mesma idade; desta vez é o pai que lhe serve de paralelo; o que significa que se parte de um patamar superior e se sublinha a precocidade como um primeiro sinal de génio, por confronto com um rei adulto e plenamente instalado no poder. Alexandre partilha com Filipe, como um impulso natural, a procura da ‘fama’ (4. 9); mas logo os opõe o grau de exigência e a definição de um ideal; ao pai parece servir ‘qualquer fama ou uma fama conseguida a qualquer preço’, que nele toma a forma de uma vanglória ligeira, afirmada por truques de retórica e por vitórias desportivas sobre quaisquer rivais; em Alexandre, junto com a depreciação dos jogos, vai uma visão mais exigente de competição com os melhores (4. 10) e a preferência por concursos no plano intelectual, de poesia e música (4. 11). Alexandre excede as expectativas, apesar de jovem, enquanto Filipe, já maduro, fracassa em as alcançar.

Estabelecido o princípio, Plutarco utiliza o paralelismo de situações como sua repercussão prática. Não foi só no desporto que a competição se instalou entre pai e filho, mas desde logo no exercício da função régia. No que toca à diplomacia, relações externas e projetos políticos, o ainda muito jovem Alexandre deu provas de excelência quando, na ausência de Filipe, se encarregou da recepção a uma embaixada persa na corte Macedônia (5. 1-3); além do respeito pelo protocolo, soube, dando mostras de uma maturidade precoce, conduzir as conversações com um fito claro: interessou-se por conhecer as comunicações em território asiático e a capacidade bélica do Grande Rei; surpreendidos, os emissários de Dario exprimiram a inevitável comparação em desfavor de Filipe, reconhecendo no príncipe herdeiro

uma excepcional determinação e capacidade para grandes projetos. Nesta espécie de ensaio de governação, fica em aberto uma nova era para a Macedônia baseada em planos de longo alcance. Quanto à capacidade indispensável a objetivos tão ambiciosos – os alvos de conquista e o comando militar –, Alexandre alimentou uma concorrência espontânea com os sucessos de Filipe (5. 4-6), ansiando por que alguns desafios sobrassem desse impulso conquistador do pai, que lhe fossem legados como herança.

O episódio da domesticação do Bucéfalo (6. 1-8), o cavalo que se irá tornar o aliado inseparável e o instrumento prioritário dos êxitos do futuro conquistador, é, simbolicamente, mais um contributo para a mesma emulação entre progenitor e descendente. Onde Filipe se mostrou incapaz de levar a bom termo a rentabilização de um animal de raça superior, mas indomável (como o próprio filho), Alexandre, não só com agilidade, mas sobretudo com perspicácia e inteligência, superou uma vez mais o pai. O mesmo confronto com os mais velhos lhe acentua a *arete* de cavaleiro, que uma vida inteira de combate nunca desmentiu. Desta vez o elogio, que se assumiu como uma espécie de presságio, veio do próprio pai (6. 8) – neste caso um bom avaliador do que via: ‘Arranja um reino à tua medida. A Macedônia é pequena demais para ti’. Destas palavras de Filipe sobressaía a assumpção da derrota perante um concorrente que se afirmava superior; sentimento que condiciona a forma como o pai passa a ‘domar’ o caráter obstinado do filho, dando à persuasão vantagem sobre a repressão (7. 1); e principalmente exprime-se pelo prazer com que passou a aceitar que Alexandre fosse chamado ‘rei’ e ele mesmo ‘general’ (9. 4). Deste embrião de uma existência fica patente que, para o grande objetivo que Alexandre veio a herdar do pai de conquistar a Pérsia, o jovem ‘rei’ tinha vantagem sobre o velho ‘general’; no projeto iria investir com a força, mas também com a inteligência e mostrar-se capaz de competir com os melhores, Dario neste caso.

Apesar da aceitação que Filipe demonstrou perante a *arete* de Alexandre, nem por isso a sucessão se processou com naturalidade e sem atritos. É o que fica patente do episódio do casamento de Filipe com Cleópatra e também, em paralelo, da possível união de Alexandre com a filha de Pixódaro, sátrapa da Cária (10. 1-3). A hipótese que Alexandre coloca de realizar este

casamento em concorrência com o irmão, Arrideu, a quem a proposta tinha sido dirigida, é a negação dos seus princípios; por isso Filipe, quando lhe reprova o projeto como aquém das suas legítimas ambições, está dentro da razão (10. 3). E deixa evidente que Alexandre, se contrariado, pode ceder à perturbação e tornar-se irracional; momentaneamente vemo-lo baixar ao nível de Filipe, desejoso de conquistar fama e poder a qualquer preço.

A fase de acesso ao poder e de ascensão à glória vai pôr à prova as características até agora definidas como congénitas ou reveladas na infância ou adolescência. O estabelecimento de uma política para o reinado de Alexandre exigiu-lhe ‘determinação e ousadia’ (11.4), face à controvérsia de opiniões entre uma visão modesta e circunscrita a uma autoridade meramente local ou a maiores ambições. Foi-lhe necessária ‘autoridade’ para dar cumprimento à profecia de Filipe: ultrapassar os limites estreitos da Macedônia.

O ataque contra Tebas, pelo relevo que tem na narrativa de Plutarco, aparece como um teste decisivo à capacidade de Alexandre e às reacções do seu caráter. Nessa campanha, o Macedônio jogou com uma violência extrema (11. 11) no objetivo de desanimar o adversário e de o convencer a uma rendição espontânea. De fato, as muitas ‘humilhações e atos de violência’ que vitimaram Tebas não excluíram uma atitude de respeito pela excelência dos vencidos, que o episódio de Timocleia documenta (12). Esta tolerância precede aquela outra que, no clímax do seu projeto de vingança contra a Pérsia, Alexandre viria a demonstrar para com as damas da corte, a mãe, esposa e filhas de Dario; perante essas aristocratas, agora cativas, Alexandre rendeu-se à solidariedade (21. 2) e foi, para com elas, de uma enorme cortesia e compreensão humana (21. 3). Esta atitude, de que nunca abdicou enquanto as mulheres persas estiveram à sua guarda, produziu um comentário oportuno quanto à face dupla do seu comportamento (30. 6): ‘Alexandre é tão gentil depois da vitória, quanto terrível no campo de batalha’. O autodomínio (21. 7-9) que então demonstrou esteve à altura do comportamento exigível à dignidade de um rei. Plutarco tem aqui a oportunidade de regressar ao desenho do caráter de Alexandre, no preciso momento em que ia consumir-se o seu grande sucesso como conquistador. Uma mesma moderação preside aos seus hábitos e comportamentos quotidianos:

uma atitude sóbria e sensata (21. 11) em matéria de sexo (cf. 22), igual austeridade no que se refere à alimentação (22. 7) são opções com que procura superar as condicionantes próprias da natureza humana e elevar-se ao nível de exceção (22. 6). Estes são capítulos que se sucedem à vitória sobre Dario e antecedem a progressiva cedência corruptora aos hábitos asiáticos.

Se é, por um lado, no tratamento dos vencidos que a superioridade de Alexandre se revela, em oposição aos impulsos violentos de que também não é isento, o convívio com os amigos mais próximos é igualmente muito expressivo⁵. É disso exemplo o episódio que confrontou um Alexandre gravemente doente com a solidariedade de Filipe de Acarnânia, o único médico que ousou correr todos os riscos na tentativa de lhe salvar a vida. Este é um caso paradigmático de uma *philia* autêntica (19. 4), que, apesar de uma denúncia de conspiração, não abala a confiança do rei no esforço sincero de um companheiro em seu benefício. Viviam-se a fase em que Alexandre dominava por completo os amigos e em que a teia de relações em sua volta se mantinha pura e sólida. Esta foi uma cena que Plutarco quis referencial e por isso apostou no que ela possuía de ‘fantástico e teatral’ (19. 7). As relações sólidas com os companheiros são parte da marcha ascendente do chefe; primeiro Clito salva-o no campo de batalha, depois Filipe salva-o na doença.

Mas nem a mais pura *philia* escapou ilesa à corrupção de que o poder e a riqueza tudo contaminam. A própria generosidade de Alexandre para com os amigos, que se foi tornando excessiva e até imprudente, no ambiente luxuoso da Ásia, contribuiu para essa degradação. Embora a magnanimidade pareça formar com a gentileza uma harmonia perfeita (39. 1), a verdade é que o excesso nelas aplicado transformou virtude em vício. A própria generosidade fomentou, nos que dela beneficiavam, não tanto gratidão, quanto um orgulho tremendo e perigoso (39. 7-8). No papel de conselheiro sensato junto de um soberano poderoso – de que a historiografia de Heródoto consagrou o modelo -, Olímpia, entre outras

vozes autorizadas, multiplicou-se em advertências, que não colheram a atenção do rei. Com a concordância passiva de Alexandre, sinais evidentes do efeito pernicioso desta generosidade foram crescendo, no quadro de um regime de vida faustoso que substituiu a austeridade da primeira fase de conquista (40). As admoestações do rei foram feitas ‘em tom gentil e razoável’ (40. 2), acompanhadas do exemplo que continuava, cada vez mais isolado, a praticar. Não sem que indícios evidentes de descontrole e perda de autoridade se fizessem sentir nas críticas que passaram a visá-lo (41. 1-2, 42).

Em circunstâncias concretas, como por exemplo na aplicação da justiça, o acréscimo de problemas que a gestão de tão grande império já suscitava foi criando em Alexandre uma certa incapacidade de juízo e, com ela, também algum exaspero e reacções de cólera (42. 3-4).

Aos primeiros sinais de mudança sucederam-se, em simetria, episódios de claro excesso, onde uma contestação ou indisciplina da parte dos Companheiros, aliadas à exasperação colérica a que o rei passou a ser mais susceptível, produziram um combinado explosivo. São disso exemplo os episódios de Filotas, Clito e Calístenes. Qualquer um deles deu mostras de ter ultrapassado o tempo da amizade e solidariedade com Alexandre e de se permitir discordâncias ou até vislumbres de traição. Filotas (48-49) somou à valentia, determinação e generosidade por que era famoso, arrogância e um luxo excessivo. Foi nesse contexto que se tornaram audíveis as críticas que, sem pejo nem discrição, fazia a Alexandre, dando ao rei justificação para o acusar de cumplicidade numa conjura contra a sua vida e de o condenar. A cólera (49. 7-8) foi, neste caso, responsável pela decisão extrema do rei, que lhe ditou uma sentença exemplar. O temor foi-se substituindo, na relação com os companheiros, à *philia* (49. 14). Plutarco não omite a oposição que este episódio criou com o passado; ao estender a condenação de Filotas, em si mesma dúbia, ao pai, Parménion, por medida de prudência política contra qualquer retaliação, Alexandre fraturava alianças do passado; isso mesmo é sublinhado pelo biógrafo (49. 13): ‘Este (Parménion) era um homem que, no tempo de Filipe, tinha prestado serviços relevantes e que era o único – ou pelo menos o principal – dos amigos mais velhos de Alexandre a incentivá-lo à travessia para a Ásia’.

⁵ Como bem salienta T. Whitmarsh, ‘Alexander’s Hellenism and Plutarch’s textualism’, *CQ* 52. 1, 2002, 183-184, os episódios que aproximam Alexandre dos Companheiros revelam, entre um e outros, uma rede complexa de relações e diferenças que contribuem para a caracterização das suas diversas, mas interativas, personalidades.

Pouco tempo depois, na realidade e na narrativa, somou-se a este o caso de Clito, em gravidade crescente (50. 1). Neste episódio o tom de abertura é ainda o de amizade e companheirismo, em volta da mesa onde os próximos do rei se reuniam ao jantar. O canto de um poeta que alegrava o convívio com poemas cáusticos sobre os generais macedônios foi o elemento detonador. Clito, senhor de ‘um gênio azedo e impulsivo’ (50. 9), lançou o desafio, Alexandre respondeu com cólera (50. 2, 51. 1, 5, 10) e o desfecho indesejável aconteceu; totalmente fora de si, o rei trespassou o amigo a quem de resto devia a vida.

A última etapa desta sequência, a condenação de Calístenes, é precedida de uma reflexão filosófica sobre o assunto que os atos punham em causa: o exercício do poder. Para essa ponderação são convocados dois filósofos, Calístenes e Anaxarco (52. 3), defensores de correntes de pensamento contraditórias. Sob a forma de palavras de consolação dirigidas a um Alexandre moído pelo remorso, isto é, insatisfeito com a sua atuação e hesitante sobre a melhor atitude a tomar, o que aconteceu junto do leito de Alexandre foi uma espécie de *agon* sobre o sentido da monarquia. De um modo ambíguo, Calístenes não desculpabilizou nem condenou Alexandre; escudou-se em ‘eufemismos e rodeios’ para lhe aliviar o sofrimento que o sentido da responsabilidade produz. Mais peremptório, Anaxarco avançou com uma filosofia autoritária. Ao rei reconheceu o direito de corporizar a lei e a justiça, sendo sua, sem controvérsia, a prerrogativa de dominar e governar (52. 5-6). A influência desta filosofia foi, no momento, de um pragmatismo terapêutico, mas teve, no futuro, um efeito pernicioso, porque ‘lhe tornou o carácter, sob muitos aspectos, mais convencido e autoritário’ (52. 7).

Deste momento, expressivo da mudança de atitude que se vinha acentuando em Alexandre, restou uma antipatia em relação a Calístenes, sobrinho de Aristóteles e por isso também uma presença com remissão para o passado. É certo que a austeridade natural em Calístenes não facilitava o convívio, apesar de louváveis e populares algumas das suas qualidades e opções de vida (53. 1, 54. 2); por todos apreciado como um homem honesto e independente, tornou-se incómodo por uma certa misantropia que praticava. Foi desta vez um exercício de retórica em que Calístenes era exímio – uma espécie de

dissolói lógoi encomendados pelo próprio rei, um elogio e uma censura dos Macedônios – o que despoletou a crise. Mas o conflito central teve de novo por motivo as prerrogativas da monarquia, sobre as quais Calístenes se mostra agora mais expressivo. A recusa do gesto simbólico da vénia ao soberano (54. 3-6) exprimiu, desta vez sem sombras, o repúdio do filósofo pelo despotismo régio. Embora o repúdio por um gesto de subserviência fosse intimamente partilhado por muitos dos companheiros macedônios, só o sobrinho de Aristóteles teve a coragem de o denunciar de modo frontal, o que lhe custou a vida (54. 3). A rebeldia foi tomada por deslealdade (55), a liberdade por insubmissão e o castigo aquele com que Alexandre foi sucessivamente punindo os seus amigos, agora opositores: a morte.

Não deixa de ser significativo que, nesta trajetória de decadência, ocorra de novo um encontro com Demarato de Corinto, um amigo de há muitos anos (27. 7), que repetia diante de Alexandre a alegria única, para um grego, de o ver ocupar o trono de Dario. Apenas o elogio soa, neste momento, a canto fúnebre, em honra de alguém que terminou uma missão e cujo sucesso conhecia um desfecho.

Educação do ‘rei filósofo’

Por fim, a atenção dedicada à educação, um bloco convencional na biografia, inclui particularidades interessantes no caso de Alexandre. No que se refere aos mestres que o acompanharam na infância e adolescência, a sua intervenção é medida em si mesma e em relação com a influência paterna, o que prolonga, no plano humano, a mesma polémica que estabeleceu, em relação a Filipe, um rival divino. Por outro lado, os resultados dessa educação são um fator que acompanha a curva da existência de Alexandre, em sintonia com a fase de progresso primeiro e de decadência depois; numa palavra, a relação entre os mestres e o discípulo perdura em toda a sua vida e ganha, em função dos acontecimentos, uma certa flexibilidade.

Leónidas (5. 7), parente de Olímpia, funcionou de supervisor dos vários intervenientes encarregados das tarefas múltiplas que o crescimento de uma criança implica. Cabia-lhe, em consequência, o título de *paidagogos*, que, ‘em função da sua dignidade pessoal e parentesco’, foi substituído pelo de ‘pai adoptivo ou tutor de Alexandre’. Com este outro

título que o perfil pessoal lhe valeu, Leónidas assumiu em parte o papel paternal, numa concorrência evidente com Filipe. Para a formação da personalidade do seu pupilo, este primeiro mestre contribuiu com uma qualidade essencial, a austeridade, uma característica sua que procurou transmitir-lhe. Durante a campanha da Ásia, os mestres de Alexandre são postos à prova, nas suas diversas medidas. A proximidade e tolerância para com eles, da parte do rei, acompanha a rota de sucessos até ao seu ponto climático. O controle sobre os excessos alimentares com que, por exemplo, o Macedônio resistiu às ofertas generosas de Ada, a rainha da Cária (22. 8-9), surge como a aplicação prática dos ensinamentos do seu parente; à rainha, a quem dava o título de ‘mãe’, Alexandre respondeu ‘que cozinheiros os tinha melhores, aqueles que lhe tinham sido dados por Leónidas, o seu tutor: antes do pequeno almoço uma caminhada noturna e, até ao jantar, uma refeição ligeira’. Este era o mesmo Leónidas que lhe revistava as gavetas para se garantir de que nada lá havia – por tolerância da verdadeira mãe, Olímpia – de luxuoso ou supérfluo (22. 10). Os excessos próprios da imponderação juvenil – o gasto injustificado de um produto precioso como a mirra, nos sacrifícios (25. 7-8) – Leónidas reprimia-os, de uma forma que Alexandre não esqueceu, mesmo quando a circunstância de conquistador da Ásia lhe facultou o convívio fácil com produtos raros na Macedônia.

Um segundo mestre, Lisímaco (5. 8), permite salientar o potencial superior do discípulo. Apesar de fazer das suas competências grande publicidade – intitulando-se de Fénix, a Alexandre de Aquiles e a Filipe de Peleu -, uma certa modéstia intelectual era patente e, neste caso, injustificado o prestígio de que gozou. Posto à prova na campanha da Arábia, Lisímaco não se mostrou à altura desses créditos (24. 10-11); quis o mestre acompanhar o discípulo, como Fénix fizera com Aquiles, em Tróia; só que, em vez de a sua presença trazer benefício a Alexandre, põe-no em risco, por falta de percepção do perigo e de resistência física. Dá-se então uma subversão de papéis entre ambos: é Alexandre que tem de o estimular numa caminhada penosa e de lhe garantir a segurança face à presença do inimigo.

Mas o verdadeiro mestre de Alexandre, aquele a quem Filipe confiou a formação de um potencial promissor que reconhecia no filho, foi

Aristóteles, ‘o mais famoso e competente dos mestres’ (7. 2), capaz de prover a inteligência do discípulo com os meios necessários ao seu desenvolvimento pleno. Também com Aristóteles Filipe foi sujeito a uma comparação desfavorável; no filósofo, ‘que venerou mais do que o próprio pai’, Alexandre reconhecia aquele que, mais do que a vida, lhe tinha dado ‘a arte de viver bem a vida’ (8. 4). Foi Aristóteles o primeiro filósofo com quem o príncipe estabeleceu contato. Com ele fez uma formação académica geral – onde se integram disciplinas científicas como a geografia, a botânica, a biologia, a medicina (8. 1), por exemplo -, mas onde a filosofia, a ética e a literatura tiveram maior destaque. Quanto à filosofia e à ética, o progresso dos estudos permitiu alguma especialização, até aos ensinamentos mais específicos e reservados aos já iniciados, que ficaram conhecidos por acroamáticos e epópticos (7. 5). Quanto à literatura, a *Iliada* tornou-se um caso de referência; possuidor de uma versão anotada por Aristóteles (8. 2), que trazia permanentemente consigo como um tesouro (26. 1-34), Alexandre recorreu ao velho poema não apenas por fruição estética, mas como a um verdadeiro manual de informações práticas. O seu convívio tão próximo com Homero encontrou no sonho um canal privilegiado de transmissão, quando se tratou de uma decisão tão delicada como a de fundar a maior das cidades epónimas de Alexandre, a Alexandria egípcia (26. 5, 7).

Além da *Iliada*, o rei diversificou por vários gêneros – a historiografia, a tragédia, o ditirambo, 8. 3 – o seu gosto pela leitura; mesmo nas mais remotas paragens, onde o acesso aos livros era impossível, procurou fazê-los vir, para suprir uma necessidade intelectual que nunca as exigências das campanhas abrandaram. Mais do que um entusiasta do saber, Alexandre foi também um difusor da cultura. São disso prova os festivais que organizou na Fenícia, com grande qualidade, onde os seus gostos e preferências são registados como os de um espectador qualificado (29. 1-6).

Apesar da reverência e amizade que Alexandre mostrou em relação ao que foi de fato ‘o seu mestre’, as relações com Aristóteles não ficaram imunes ao processo de decadência experimentado pelo macedônio (8. 4). A primeira dissensão com o Estagirita ocorreu por via indireta, através das divergências cavadas entre o rei e Calístenes, sobrinho do filósofo

(*vide supra*). E embora Aristóteles não aprovasse a agressividade irreverente do sobrinho, que considerava ‘falta de senso comum’ (54. 2), não se isentou de algum remoque por parte do pupilo (55. 7-8). Até mesmo os seus ensinamentos puderam parecer a Alexandre simples sofismas, meros artifícios retóricos, ‘daqueles que servem ambos os lados de uma questão’ (74. 5). O agravamento das relações prosseguiu até ao ponto de permitir que Aristóteles fosse envolvido nos boatos sobre o envenenamento do rei (77. 3). Esse era o remate digno de uma história de ascensão e queda de um soberano paradigmático: que o mesmo mestre que contribuiu para a sua ascensão se tenha visto envolvido na sua morte.

O interesse pelo saber e a informação sólida que recebeu fizeram de Alexandre um interlocutor constante e privilegiado de filósofos e artistas, ao longo de toda a sua vida. Não deixou, antes de mais, de prestar homenagem a figuras de referência que o seu percurso académico lhe gravou na memória; estão neste caso Píndaro, o maior poeta de Tebas, em homenagem a quem Alexandre poupou os descendentes, aquando da campanha arrasadora que promoveu contra a cidade (11. 12); ou Teodectes, um retórico e poeta trágico, próximo de Aristóteles e de Sócrates, a quem o rei prestou, de passagem por Fasélis, uma homenagem, coroando a estátua de um dos filhos distintos da terra (17. 9).

Mas expressivos foram também todos os contatos, decisivos em geral para as etapas futuras no *curriculum* que lhe traça Plutarco, que foi tendo com filósofos nas diversas partes do mundo. O próprio biógrafo, ao confirmar essa influência, alista, como de importância primordial, os gregos Anaxarco e Xenócrates, além de Dândamis e Calano, na Índia (8. 5; cf. 28. 5, 65, 69). Mas a este conjunto poderíamos acrescentar o egípcio Psâmon (27. 10) e os diversos gimnosofistas, os filósofos hindus, de quem o rei quis ouvir as sentenças sobre questões essenciais da existência que os tornaram famosos (64-65); este é um episódio que se foca numa interpenetração cultural e revela, em Alexandre, a tentativa de compreender a sabedoria oriental, dentro de um quadro de usurpação e conquista. É certo o tom de ameaça que o rei põe nesta abordagem, em relação a intelectuais adversos aos seus propósitos políticos; não sem que, por fim, o respeito pelo saber se imponha e o leve a

respeitar-lhes a vida, apesar da resistência que eles representaram aos seus interesses de ocupação da Índia.

Dois episódios merecem, neste contexto, particular atenção. Em plena campanha da Índia, tal como Plutarco a concebe, Calano (65. 6-7) teve, junto de Alexandre, uma intervenção de grande alcance político. Como uma espécie de Sólon junto de Cresos, o soberano lídio no auge do seu poder que ouve os conselhos de um sábio (Heródoto 1. 29-32), Calano apresenta a Alexandre uma reflexão sobre uma forma de governo, a monarquia. A segurança do trono e a autoridade do rei são incompatíveis com excessivas errâncias e com o alargamento interminável do império. Manter o controle e a estabilidade governativa impõe que o monarca se instale no centro do reino. Conselho avisado que Alexandre, como é de regra na convenção do conselheiro, não seguiu.

Particularmente significativo é, porém, pelo seu sentido global, o encontro de Alexandre, em Corinto, com Diógenes o cínico (14. 2-5), depois de decidida a campanha da Ásia. Mais uma vez o rei poderoso, a quem a ambição de conquista determina, é confrontado com um símbolo de sabedoria e austeridade. Este é, para Alexandre, o momento crucial de uma escolha de vida. Mostra-o o seu célebre comentário: ‘Não fosse eu Alexandre, que era Diógenes que eu seria’. Em definitivo, o filósofo cedia a vez ao rei na sua escolha.

Com estes três *itens* biográficos, Plutarco criava as condições que haviam de fazer do filho de Filipe da Macedônia o paradigma do conquistador e do expedicionário, dotado de todas as virtudes para cumprir, de forma modelar, a curva ascendente de uma existência paradigmática; mas antecipando também uma decadência, que o mantém dentro dos parâmetros a que não escapou: as limitações de um ser, apesar de tudo, humano.

Referências

BENEKER, J. Drunken violence and the transition of power in Plutarch's *Alexander*. In: FERREIRA, J. R.; LEÃO, D.; TROSTER, M.; BARATA DIAS, P. (Ed.). **Symposium and philanthropia in Plutarch**. Coimbra: 2009. p. 193-200.

BOSWORTH, A. B. **Conquest and empire:** the reign of Alexander the Great. Cambridge: 1988.

BRUNT, P. A. Alexander, Barsine and Heracles. **RFIC**, 103, 1, 1975, p. 22-34.

BURN, A. R. **Alexander the Great and the Hellenistic World**. London: 1964.

CARNEY, E. D. The politics of polygamy: Olympias, Alexander and the murder of Philip. **Historia**, 41, 1992, p. 169-189.

_____. Women and *Dunasteia* in Caria. **AJPh**, 126, 1, 2005, p. 65-91.

GRIFFITH, G. T. **Alexander the Great**. The main problems. Cambridge: 1966.

HAMMOND, N. G. L. **Sources for Alexander the Great:** an analysis of Plutarch's Life and Arrian's Anabasis Alexandrou. Cambridge: 1993.

MOSSMAN, J. M. Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*. **JHS**, 108, 1988, p. 83-93.

_____. Plutarch, Pyrrhus and Alexander. In: STADTER, Ph. (Ed.). **Plutarch and the historical tradition**. London; New York: 1992. p. 90-108.

PEARSON, L. **The lost histories of Alexander the Great**. New York: 1960.

PRANDI, L. L'Alessandro di Plutarco. In: VAN DER STOCKT, L. (Ed.). **Rhetorical theory and praxis in Plutarch**. Leuven: 2000. p. 375-386.

WARDMAN, A. E. Plutarch and Alexander. **CQ**, 5, 1-2, 1955, p. 96-107.

WHITMARSH, T. Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism. **CQ**, 52, 1, 2002, p. 174-192.

Recebido em: 27/09/2012

Aceito em: 02/10/2012